

Pupilos do Exército

Fundado em 1911



Lisboa | Maio | 2011

Câmara Municipal de Lisboa | Comissão Municipal de Toponímia

Pupilos do Exército

Fundado em 1911





O projecto de educação e de formação, bem como de promoção da cidadania inerente à criação do Instituto Pupilos do Exército, em 25 de Maio de 1911, é bem ilustrativo do contexto da implantação da I República em Portugal.

Manter viva a memória do Instituto Pupilos do Exército constitui para a Câmara Municipal de Lisboa o testemunho da importância que a instituição representa na formação integral de sucessivas gerações de cidadãos, corporizando e difundindo os valores e ideais republicanos.

No âmbito da comemoração do Centenário do Instituto dos Pupilos do Exército, o Município de Lisboa associa-se às celebrações, consagrando o topónimo numa Rotunda na Freguesia de São Domingos de Benfica, assim enriquecendo a memória colectiva da cidade de Lisboa.

O Presidente da Câmara
António Costa

S. R. *
LISBOA
1196

Coronel Barreto



General António Xavier Correia Barreto



Os Pupilos do Exército surgiram durante o I Governo Provisório da República, num momento em que decorriam em Portugal profundas alterações sociais e culturais, provenientes do fim da Monarquia Nacional. Durante a implantação da República as Forças Armadas Nacionais atravessaram um período perturbador. Havia a necessidade de introduzir medidas reformistas, como o serviço militar obrigatório, a formação patriótica dos cidadãos adultos do sexo masculino, educar as classes sociais mais desfavorecidas, ensinando-lhes a cultura republicana e compartilhando os ideais da Primeira República. Pretendia-se criar uma base social de apoio ao republicanismo, formando «Cidadãos Úteis à Pátria».

Perante estas carências nacionais, o então Ministro da Guerra do Governo provisório, o General António Xavier Correia Barreto¹, através do Decreto de 25 de Maio de 1911, criou o Instituto Profissional dos Pupilos do Exército de Terra e Mar, e as Escolas Primárias do Regimento. Esta Instituição ficou na alçada do Ministério da Guerra, sendo definida como uma instituição militar de educação e beneficência para difusão dos ideais republicanos.

¹ Correia Barreto (1853 – 1939), foi consagrado na toponímia de Lisboa, numa artéria próxima do Instituto Militar dos Pupilos do Exército, através de edital de 21/02/2001.



Foto de Antigos alunos da Instituição, Maio de 1912

A Instituição, no seu âmbito pedagógico e tutelar, era composta pelo Colégio Militar, que anteriormente era conhecido por Real Colégio Militar (fundado em 1803, com a designação de Colégio de Educação do Regimento de Artilharia da Corte), e o Instituto Torre e Espada (antes denominado Instituto Infante D. Afonso, fundado em 1899, e nos dias de hoje designado como Instituto de Odivelas – Infante D. Afonso).

O General Correia Barreto pretendia, desta forma, promover a educação nas classes sociais mais baixas, demonstrando-lhes os ideais republicanos, fomentando uma base social de fortalecimento e durabilidade republicana. Às classes militares mais desfavorecidas, com relevo para os órfãos e filhos de militares de patentes inferiores, pretendia-se oferecer um ensino de qualidade, independente da proveniência social. Queria-se tornar esta instituição, num dos grandes símbolos da implantação da República. Ela oferecia o que de melhor se podia dar à população portuguesa, formando uma República sólida com cidadãos úteis à sua causa.

Assim, o decreto de 8 de Outubro de 1910, havia passado da propriedade da Fazenda Nacional para a do Instituto dos Pupilos do Exército, o Convento de São Domingos de Benfica e cerca anexa, ao qual se chamou 1^a Secção, e na qual começou a funcionar em Novembro de 1911 a Instrução Primária Complementar. No ano seguinte, em Agosto, nas instalações do antigo



Antigas oficinas de aprendizes

Hospício de Santa Isabel e parte da Quinta da Alfarrobeira, institui-se a 2ª Secção do Instituto, onde se ministrava o Ensino Primário, o Ensino Complementar e o Primário Superior (Agrícola, Comercial e Industrial).

Em concordância com as reformas do ensino público ocorridas em 1916 e em 1926, os conteúdos programáticos da formação ministrada no Instituto foram sucessivamente adaptados à nova realidade e à evolução constante do ensino público.

Em 1948, ocorreu no Instituto a primeira reforma, numa época em que decorriam profundas alterações no plano nacional e europeu, ocasionadas pelo fim da segunda grande guerra e a entrada de Portugal na NATO. O Instituto sentiu necessidade de se adaptar às novas exigências, e actualizou os seus cursos técnicos para manter os seus formandos aptos para enfrentarem as constantes evoluções técnicas e tecnológicas das Forças Armadas nacionais. Apesar das alterações ocorridas, optou-se por continuar a manter um plano de estudos muito semelhante ao das Escolas e Institutos Industriais e Comerciais.

No fim da década de 40 a Instituição já era muito prestigiada. Havia-se transformado numa escola de formação de técnicos para as Forças Armadas, habilitando os seus alunos nos Cursos dos Institutos Comerciais, Industriais, e no ramo da Escola do Exército e da Escola Naval.





Exercício militar

No ano de 1959, o Instituto passou a designar-se como Instituto Técnico Militar dos Pupilos do Exército, podendo os seus alunos ingressar na Academia Militar e na Escola Naval em pé de igualdade com os candidatos provenientes do Colégio Militar. Continuou-se a privilegiar, nesta reforma, a melhoria dos meios e das técnicas de ensino da Instituição, para se continuar a formar pessoas capacitadas, capazes de enfrentar a mecanização progressiva das Forças Armadas nacionais.

Na terceira e última reforma, iniciada por Veiga Simão, em 1973, e implantada a partir de 1976, o nome do Instituto passou a ter a designação actual, Instituto dos Pupilos do Exército (IPE). Criou-se a Secção Pedagógica do Ensino Superior, e foi efectuado um ajustamento dos Cursos Médios do Instituto para o Ensino Superior Politécnico (Bacharelato), à semelhança do Ensino Básico e Secundário. A nível do Ensino Superior Politécnico, a formação era vocacionada para a Contabilidade e Administração, Engenharia Electrónica, Mecânica e Telecomunicações.

Apesar das alterações que a Instituição teve ao longo da sua existência, o regime de internato manteve-se, conservando-se o elevado grau de preparação e padrões de exigência elevados, bem como as tradições honrosas dos Pupilos, pelas quais é conhecida esta Instituição de ensino.



Barretina do Instituto
dos Pupilos do
Exército



Exercícios de ginástica

Já passaram mais de três décadas desde que, o IPE, abriu as portas à admissão de candidatos do sexo feminino, em regime de externato, proporcionando igualdade curricular a par dos restantes alunos da instituição.

Actualmente o IPE ministra para alunos do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário, na variante profissional, dando equivalência ao 12º ano nos seguintes cursos: Técnico de Gestão, Técnico de Manutenção Industrial, Técnico de Gestão do Ambiente e Técnico de Energias Renováveis.

No sentido de proporcionar melhores índices de escolaridade no Exército Nacional, o IPE aderiu ao projecto das Novas Oportunidades desde 2008/09, dando o seu contributo a um projecto que aposta na qualificação dos militares e civis do Exército.

Os alunos são conhecidos na gíria escolar e lisboeta como os “Pilões”, e a escola como o “Pilão”. As boas condições de ensino e de instalações, bem como o corpo docente, permitem que a Instituição continue a formar alunos de qualidade, obtendo um grande prestígio nos ramos técnicos e tecnológicos, proporcionando boas saídas profissionais aos alunos que enveredem



Classe especial de ginástica 8

depois pela carreira civil. A sólida formação intelectual, ética, física e militar a que os seus alunos são sujeitos tem como referência o Brasão de Armas que tem inscrito a divisa “Querer é Poder”² e a “Barretina”.

Em 15 de Março de 1989, por despacho do Brigadeiro Director do Instituto Militar dos Pupilos do Exército, foi instituída a “Barretina de Honra”, que se destina a galardoar quem tenha passado pelo Instituto, e continuando a honrá-lo através de altos serviços prestados em prol da comunidade, com uma distinta e exemplar carreira profissional com reconhecimento artístico, científico ou intelectual.

A boa preparação física e o gosto pela educação e desporto fizeram com que os alunos da Instituição tenham participado em diversas provas nacionais e internacionais, nomeadamente nos Jogos Olímpicos.

Do ponto de vista cultural, o IPE, sempre incentivou os seus alunos a incluírem no seu conhecimento, a moral, as crenças, os costumes, a lei, a arte e as letras, promovendo diversas actividades culturais como a pintura, a escultura, o teatro, a escrita, a leitura e a música nos campos coral e instrumental.

² É a actual divisa de Honra do IPE, está inscrita no actual Brasão de Armas, por Portaria de 01/03/1988 do General do CEME.



Desfile militar; Capela dos Castros e Túmulo dos Castros

Desde a sua fundação, que o Instituto defende princípios e valores, proporcionando uma ligação de educação para a cidadania, sentida e desenvolvida desde que ali se ingressa. O espírito de grupo, de camaradagem que são ou foram vividos pelos alunos ou ex-alunos, bem como a liberdade, tem tido um papel fulcral, facultando um elo de ligação e um sentimento de presença nesta instituição.

Nas instalações do IPE, situadas no antigo Convento de São Domingos de Benfica existe uma capela que foi edificada junto ao claustro do antigo convento, que é presentemente designada como Igreja de Nossa Senhora do Rosário. A capela fundada sob a invocação de *Corpus Christi*, é conhecida como Capela dos Castros.

Foi mandada construir por D. Francisco de Castro, neto do Vice-rei D. João de Castro, Bispo e Inquisidor-geral do Reino, para albergar o panteão da sua família, sendo inaugurada em 1648. Em 1910 a capela passou a ser monu-



Uniforme de 1911, 1921, 1925 e 1939

mento nacional devido à sua beleza e significado histórico. Com o decorrer dos anos, a Capela dos Castros assumiu um papel preponderante dentro do Instituto em virtude de D. João de Castro³, sepultado nessa Capela do Convento, se ter transformado no protector desta Instituição.

O Instituto possui ainda um Museu e Sala do Fundador, General Correia Barreto. O Museu é composto por retratos de antigos professores e directores, materiais museológicos originários das antigas oficinas de aprendizes, material fotográfico que relatam os períodos históricos da Instituição e uma colecção dos diversos uniformes dos alunos.

O IPE foi agraciado com as condecorações de Comendador da Ordem da Instrução Pública, de Comendador da Ordem Militar de Cristo, Membro Honorário da Ordem Militar da Ordem de Santiago de Espada, Membro Honorário da Ordem Militar de Avis, e Medalha de Ouro de Serviços Distintos.

Assim, na comemoração dos 100 anos do Pupilos do Exército, a Câmara Municipal de Lisboa presta homenagem à Instituição, ao atribuir o seu nome a uma rotunda da freguesia de São Domingos de Benfica.

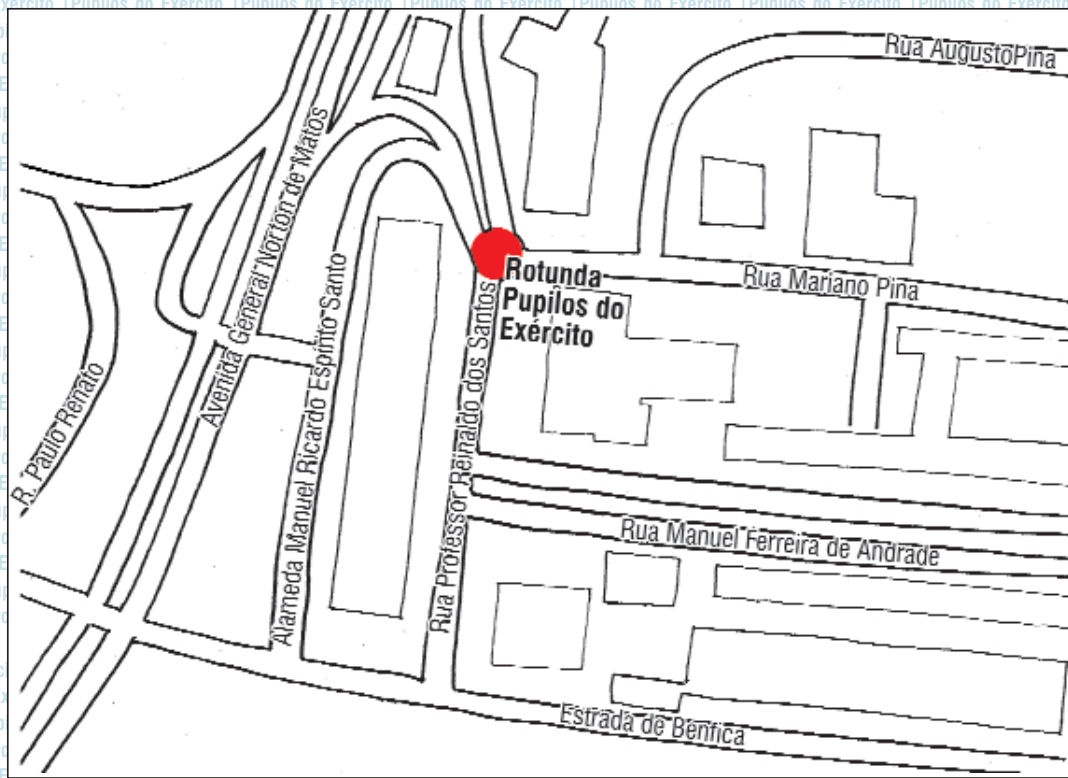
³ D. João de Castro foi consagrado na toponímia de Lisboa, numa artéria que se situa nas freguesias de Ajuda e Alcântara, através de edital de 07/08/1911.



Museu

Bibliografia

- Dados biográficos e fotográficos cedidos pela Associação de Pupilos do Exército.
- Dicionário da História de Lisboa, dir. Francisco Santana e Eduardo Sucena, Sacavém, 1994.
- Instituto de Pupilos do Exército, <http://www.pupilos.eu/>
- Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico <http://www.igespar.pt>
- PEREIRA, Teresa Sancha, *Correia Barreto*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2004.
- ROSADO, David Pascoal – Instituto dos Pupilos do Exército 1911 – 2011, Lisboa: Instituto dos Pupilos do Exército, 2010.



FICHA TÉCNICA

Edição

Câmara Municipal de Lisboa
Comissão Municipal de Toponímia

Título

Pupilos do Exército

Autor

Rui Mendes

Coordenação

António Trindade
Jorge Pereira da Silva
Rui Lourido

Design

Rui A. Pereira
Teresa Sancha Pereira

Colaboração Gráfica

Albino Teresa
Manuel Rocha

Tiragem

500 ex.

Ano

2011

Depósito Legal

N.º /11

Execução gráfica

Imprensa Municipal de Lisboa

